

# EDITORIAL

## “FORA TEMER”: Para além do ódio de classe – a resistência ativa!

“FUERA TEMER”: Además del odio de clase – la resistencia activa!

“GET OUT, TEMER”: Beyond social class hate – an active resistance!

**Maurício Roberto da Silva**  
mauransilva@gmail.com

**Ivo Dickmann**  
educador.ivo@unochapeco.edu.br

**Maria de Lourdes Bernartt**  
marialbernartt@gmail.com

### REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, M. R.; DICKMANN, I.; BERNARTT, M. L.

“FORA TEMER”: Para além do ódio de classe – a resistência ativa!. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 38, p. 7-14, maio/ago. 2016.

*Fiz ranger as folhas de jornal  
abrindo-lhes as pálpebras  
piscantes.  
E logo  
de cada fronteira distante  
subiu um cheiro de pólvora  
perseguindo-me até em casa.  
Nestes últimos vinte anos  
nada de novo há  
no rugir das tempestades.  
Não estamos alegres,  
é certo,  
mas também por que razão  
haveríamos de ficar tristes?  
O mar da história  
é agitado.  
As ameaças  
e as guerras  
havemos de atravessá-las,  
rompê-las ao meio,  
cortando-as  
como uma quilha corta  
as ondas.*

(E então, que quereis? Poema de Maiakóvski)<sup>1</sup>

A Revista Pedagógica vem acompanhando todo esse processo de destruição da democracia brasileira que culminou com o “Golpe de Estado”, tendo como consequência o “impeachment” da Presidenta Dilma. Essa posição tem sido uma constante nos nossos editoriais, nos quais assumimos, como editores, uma posição crítica a todo o processo de atentado à democracia. Trata-se, portanto, de ir para além da “neutralidade axiológica”, que distingue rigorosamente a produção dos conhecimentos científicos e os juízos de valor<sup>2</sup>. Não concordamos com a ideia weberiana de que um periódico deva ser “exclusivamente científico, trabalhando exclusivamente com os meios característicos da investigação científica”<sup>3</sup>. Nesse sentido, enquanto editores, consideramos de fundamental importância não separar radicalmente a “análise dos fatos” dos “juízos de valor”<sup>4</sup>, principalmente, considerando, na atualidade, as imbricadas relações entre produção do conhecimento e política.

<sup>1</sup> Poema recitado pela ex-presidenta Dilma Rousseff após a sua destituição do cargo no Senado Nacional no dia 31 de agosto de 2016.

<sup>2</sup> CAMPENHOUTDT, Luc Van. **Introdução á análise dos fenômenos sociais**. Portugal: Gradiva, 2003.

<sup>3</sup> WEBER, Marx. **A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política – 1904**. In: SALLES, Paulo de O. (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: HUCITEC; UNESP, 1998, p. 82.

<sup>4</sup> CAMPENHOUTDT, Luc Van. **Introdução á análise dos fenômenos sociais**. Portugal: Gradiva, 2003.

<sup>5</sup> APPLE, M.; AU, W; GANDIN, L. **Educação Crítica: Análise Internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 16.

<sup>6</sup> BAVA, Silvio Caccia. **Editorial: O desafio atual: a defesa dos direitos**. LE MONDE DIPLOMATIQUE. Ano 10, no. 109. Agosto/2016, p. 3.

<sup>7</sup> Ver editorial da revista *Motrivivência* intitulado *A Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica em tempos de neoconservadorismo e de “neoliberalismo que saiu do armário”*; mas também de tempos de resistência: **Fora Temer**. v. 28, n. 48 (2016).

Não se trata de mera panfletagem, mas de uma posição política clara contra as políticas públicas e sociais, e, particularmente, as políticas educacionais, engendradas pelo governo golpista do Temer. Nosso intuito é engrossar as fileiras de cientistas, artistas e intelectuais que questionam “o papel da “intelligensia despreocupada” (Mannheim, 1936) e “que vive na sacada” (Bakhtin, 1968). Nesse sentido, nossos esforços intelectuais são cruciais, mas “não se pode ficar observando tudo ao lado, de maneira neutra e indiferente, das lutas nas quais o futuro da humanidade está em jogo” (Bourdieu, 2003, p. 11)<sup>5</sup>. Ademais, o que está em jogo com o referido “golpe” é não só a morte da democracia, mas dos direitos humanos em geral, dos direitos dos trabalhadores e dos pequenos avanços conquistados pela cidadania em construção.

A indignação contra o golpe à democracia, cujas consequências são os retrocessos ético-político do país e, fundamentalmente, os cortes nas políticas públicas, sociais e educacionais vem crescendo, de tal modo que os cidadãos estão em número cada vez maior em prol do respeito à democracia, à Constituição de 1988. A luta hoje é por “Diretas Já” (mais de 90% dos brasileiros afirmaram querer novas eleições e menos de 10% apoiam o novo governo). Os movimentos sociais e sindicais estão conclamando por manifestações cujo lema é FORA TEMER! EDUCAÇÃO EM LUTA E NAS RUAS! Todos estão nas ruas, contra os cortes nas políticas públicas e sociais, contra a política de austeridade e o ajuste fiscal e retirada dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, em suma, contra a conciliação de classe<sup>6</sup>. O lema que se lê e se ouve pelas ruas, nas vozes dos trabalhadores, artistas e intelectuais é “nenhum direito a menos”.

Com efeito, dia após dia, aumenta o número de movimentos sociais e organizações não governamentais que se sentem desafiados a encarar a defesa dos direitos no Brasil. Esses movimentos e organizações estão sendo desafiados a se fortalecerem cada vez mais e a se reinventarem nessa nova conjuntura ilegal, neoliberal e neoconservadora. Na prática, terão de rever o planejamento e as formas de luta, diante de compromissos assumidos nesse momento de ataque à democracia e desrespeito à Constituição de 1988. Nesse sentido, acirra as lutas em prol da democracia e dos direitos sociais nas diversas mobilizações de rua, que se constitui uma estratégia e caminho para o fortalecimento de redes e alianças entre atores da sociedade civil. Esse movimento tem o papel de pressionar de forma peremptória a pressão sobre os órgãos e políticas públicas, para a tarefa inadiável do trabalho de formação política<sup>7</sup>.

O teor desses gritos contra os retrocessos do governo golpista Temer trazem consigo as vozes dos trabalhadores do serviço público que se posicionam pela organização e pela luta contra a PEC 241/2016 e o PLP 257/2016, os quais são chamados de a “PEC da desigualdade”: limite de gastos com saúde e educação afeta os mais pobres. Esses projetos de lei representam um desmonte do serviço público,

penalizando os servidores já precarizados em seu trabalho e a população que se beneficia, desde sempre, dos limitados e insuficientes serviços sociais. Esse contexto exige de nós unidade, organização e luta em torno daquilo que nos motiva a manter vivos nossos sindicatos, que é a defesa dos direitos dos docentes (carreira docente da Educação Básica e Superior e valorização salarial dos ativos e aposentados) e do caráter público, gratuito, democrático e laico da universidade, sob ameaça concreta<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Jornal da Ciência/SPBC, 24 de agosto de 2016.

Os educadores e profissionais da saúde vêm lutando, respectivamente, contra as Propostas de Emenda à Constituição (PEC) 241/2016 e 257/2016, engendradas pelo governo interino de Michel Temer. Esses projetos de emenda constitucional limitam os gastos com saúde e educação por 20 anos. Se tudo isso for aprovado, haverá riscos de aumento da desigualdade – poderá causar um enorme agravamento e precarização das condições de vida da classe trabalhadora empobrecida. Trata-se de um golpe duríssimo nos trabalhadores que dependem do Sistema Único de Saúde (SUS) e de educação pública, gratuita e de qualidade, sob o falso e perverso argumento da necessidade do ajuste fiscal<sup>9</sup>. Esse “saco de maldades” contempla o acirramento, além dos cortes no SUS e na educação, dos ataques aos direitos de mulheres e de pessoas LGBT, ameaças de privatizações de toda ordem, ataques aos serviços públicos, sinais de alterações iníquas na previdência, fortalecimento da bancada da “bíblia” em conluio com as bancadas “da bola” e da “bala”, tentativas de promover a censura nas escolas (Escola sem Partido), além do aumento na repressão aos movimentos de luta e resistência, também cognominada de “criminalização dos movimentos sociais”.

<sup>9</sup> Jornal da Ciência/SPBC, 24 de agosto de 2016.

## O ÓDIO DE CLASSE

O supramencionado “saco de maldades” do “apateado Michel Temer, político fátuo e vaidoso”, contém em sua essência a sanha privatista como instrumento de rapinagem dos recursos naturais nacionais para entregá-los à “rapinagem energética internacional”<sup>10</sup>. Tudo isso é movido pelo ódio de classe (ódio aos pobres), muito embora o ódio de classe traga em seu bojo um plêiade de outros ódios, tais como: *ódio de raça/etnia* (racismos e preconceitos contra negros e indígenas), *ódio de gênero* (homofobia e opressão das mulheres), *ódio de geração* (ver a reforma da Previdência social e ódio contra os velhos trabalhadores aposentados). Esse conjunto de ódios pode ser representado pela ideia de “ódio à democracia”.

<sup>10</sup> VASCONCELLOS, Gilberto F. **O Brasil interino do Temer contra o útero do povo**. Revista Caros Amigos, Ano IX, n. 223, 2016, p.10.

O ódio de classe, nesse governo, pode ser identificado em uma grande parcela da classe média que foi e ainda é a favor do golpe. Esse tipo de sentimento pode ser visto à medida que:

“A oligarquia branca escravocrata odeia falar como o “povão”, como o resto da “gentalha”,

<sup>11</sup> BAGNO, Marcos. **Mitos jogados no lixo.** Revista Caros Amigos, Ano AIX, no. 223,/2016, p.6.

<sup>12</sup> BAGNO, Marcos. **Mitos jogados no lixo.** Revista Caros Amigos, Ano AIX, no. 223q2016, p.6.

<sup>13</sup> RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia.** São Paulo: Boitempo, 2015, p. 10.

<sup>14</sup> SAVIANI, Dermeval. **Dermeval Saviani: pesquisador, professor e educador.** (Org.) Diana Gonçalves Vidal. Belo Horizonte: Autêntica/Autores Associados, 2011, p. 142.

e por isso se desespera em aprender a língua mais certa possível. Odeia ver filhas e filhos de pessoas pobres “invadindo” as universidades públicas, até há pouco tempo espaço reservado à prole dos “bem nascidos”. Odeia ter de dividir os aeroportos e aviões com suas empregadas domésticas, com seus porteiros, suas faxineiras, com essa gente pobre, preta e mestiça que deixa os aeroportos parecidos com *rodoviárias* “<sup>11</sup>.”

Mais ainda:

“Odeia ter de cumprir os direitos trabalhistas das domésticas, que sempre foram tratadas como quase escravas (e, em certas regiões, como escravas de fato, inclusive sexuais). Odeia (e manda matar) os milhões de camponesas e camponeses sem-terras que lutam por seus direitos ao trabalho digno e se organizam em movimentos sociais de luta”<sup>12</sup>.

De fato, os movimentos sociais brasileiros estão vivenciando atos de ódio e de violência em nome da “criminalização dos movimentos sociais” por parte das forças que protegem as corporações. Essa violência está cada vez mais aumentando, junto com ameaças àqueles que defendem a democracia.

Como se pode inferir o ódio à democracia é inerente às elites e contamina as classes médias não-esclarecidas. Para essas classes, a democracia é um mal que privilegia o respeito às diferenças, o direito das minorias e as ações afirmativas. Segundo essas classes, “o governo democrático é mau, quando se deixa corromper pela sociedade democrática que quer que todos sejam iguais e que todas as diferenças sejam respeitadas”<sup>13</sup>.

## A NECESSIDADE DE RESISTÊNCIA ATIVA

Diante de todo esse quadro acima descrito, só nos resta resistir. Isso implica que, que apoiemos e lutemos junto com os movimentos sociais e sindicais, procurando, com isso, incentivar a luta e a “resistência ativa” contra o neoconservadorismo e lógica neoliberal, que ameaçam às políticas públicas, sociais educacionais.

Todavia é preciso que compreendamos e coloquemos em prática o conceito de “resistência ativa”. Ela deve ser compreendida como uma atividade teórico-prática ou forma de luta consciente, que reflete uma estratégia ou uma arma de luta contra as políticas públicas educacionais de caráter neoliberal que predominam no cenário atual<sup>14</sup>. Trata-se de uma organização coletiva e de caráter propositivo; uma forma de resistência que procura ultrapassar o âmbito do direito de apenas discordar (resistência passiva). A resistência ativa representa a efetiva participação dos trabalhadores para resistirem à tendência dominante, mas formulando e apresentando alternativa concreta de mudança social, política e econômica. Em suma, a resistên-

<sup>15</sup> SAVIANI, Dermeval. **Dermeval Saviani: pesquisador, professor e educador.** (Org.) Diana Gonçalves Vidal. Belo Horizonte: Autêntica/Autores Associados, 2011, p. 142.

cia ativa, tem suas raízes na pedagogia crítica e representa uma possibilidade de reverter à situação, pelo conteúdo e pela forma de mobilização<sup>15</sup>.

Em síntese, nós que fazemos a educação, articulados com os demais movimentos sociais e sindicais, temos que diuturnamente gritar FORA TEMER! Como editores, tomamos essa posição, pelo fato de Michel Temer e seus ministros igualmente golpistas não terem legitimidade política para governar em nome do nosso povo. Eles pretendem privatizar o Brasil, continuar o mar de lama de corrupção que os envolve e empobrecer ainda mais o país. Esses senhores neoconservadores e neoliberais, conforme já foi mencionado, estão aprofundando uma política de ajuste fiscal marcada por profundos retrocessos, pela retirada de direitos dos trabalhadores e cortes nas políticas sociais. Por esses motivos devemos resistir sempre:

*Nossos inimigos dizem: a luta terminou.  
Mas nós dizemos: ela começou.  
Nossos inimigos dizem: a verdade está liquidada.  
Mas nós sabemos: nós a sabemos ainda.  
Nossos inimigos dizem: mesmo que ainda se  
conheça a verdade  
ela não pode mais ser divulgada.  
Mas nós a divulgaremos.  
É a véspera da batalha.  
É a preparação de nossos quadros.  
É o estudo do plano de luta.  
É o dia antes da queda de nossos inimigos.*

(Poema de Berthold Brecht “Nossos inimigos dizem”)

\*\*\*

Conforme já evidenciamos na primeira parte desse editorial, os desafios são grandes, no sentido do enfrentamento e resistência nas nossas lutas pela democracia e, nessa perspectiva, por políticas públicas e sociais de qualidade socialmente referenciadas. É, portanto, nesse contexto de crises, lutas e resistências que a Revista Pedagógica publica mais uma edição, tomando como base para esse enfrentamento algumas contribuições das pedagogias de Paulo Freire emergem como resistência a esse levante neoconservador e neoliberal: a vantagem gnosiológica dos “oprimidos” em relação aos opressores, a “esperança” como ontologia e parte da natureza humana, a “autonomia” do planejamento socializado ascendente, a “conscientização” como resultado da leitura de mundo contra a “cientização”, a “práxis” como legitimação epistemológico-política, a “luta” a partir de princípios e estratégias em favor dos oprimidos, a “reinvenção” do legado freireano com atualização contextual e a “amorosidade” com foco unidirecional ao outro<sup>16</sup>.

Nesta edição temos no primeiro artigo, de autoria de Maria do Carmo Martins Moreira e Manuel António

<sup>16</sup> ROMÃO, José Eustáquio. **Clase magistral del Presidente del Foro Internacional Paulo Freire.** Santiago do Chile, 08 de setembro de 2016.



Ferreira da Silva (Universidade do Minho, Portugal), uma análise crítica da avaliação do desempenho docente e suas principais consequências profissionais e políticas, partindo da própria representação dos professores que vivenciaram os processos de avaliação.

O segundo artigo, de Maria Cecília Garcez Leme (Universidade Nacional da Costa Rica- UNA), trata da “importância e a força do cotidiano no processo educativo”, a partir de um grupo de mulheres numa comunidade da América Central, iluminado pelas palavras poéticas de Adélia Prado.

Em seguida, a equipe de Maddalena Formicuzzi (Universidade de Verona, Itália), vai tratar da gênese e gestão de um processo de formação para o empreendedorismo, falando de um projeto que é desenvolvido em quatro países que visa a “realização de uma plataforma comum de desenvolvimento de competências empreendedoras”.

O artigo “Um olhar freiriano sobre o processo escolar”, de José Eustáquio Romão (UNINOVE-SP), apresenta algumas contribuições de Freire, especialmente para a escola, para enfrentar o levante neoliberal na América Latina, no atual cenário político-pedagógico.

No quinto artigo, Geraldo Romanelli (USP-SP) escreve sobre a família e a escola, em seus mais diversos arranjos domésticos, tendo como orientador da reflexão os aportes da Antropologia, além de apresentar como a família vem sendo tomada como objeto de pesquisa nos estudos brasileiros e a importância da visão dos pais e irmãos no processo de escolarização.

Na sequência, Luíza Turnes (UFSC-SC) e Lucídio Bianchetti (UNISINOS-RS) tratam das novas tecnologias no processo de orientação na Pós-Graduação, mediante entrevistas com educadores ligados a programas de Pós-Graduação brasileiros e europeus, a partir de questionamento sobre a qualidade do conhecimento produzido a nessa modalidade de processo na relação orientador-orientando.

No sétimo artigo, Marilândes Mól Ribeiro de Melo, Ione do Valle e Rafaela Azevedo de Souza (UFSC-SC) discutem a questão do binômio da religião/laicidade, tomando como ponto de partida a memória dos professores da rede pública da Educação Básica, da década de 1960, em Santa Catarina.

Depois, Henrique de Brito Espinoza e Célia Regina Vendramini (UFSC-SC) tratam da presença de estudantes migrantes no Ensino Médio da E. E. B. Padre Anchieta, em Florianópolis-SC, num esforço de compreender como a sua “condição de migrante interfere no processo de escolarização”, visto que houve um aumento de estudantes nessa condição na escola no ano de 2015.

O próximo artigo, de autoria de Leandro Turmena (UTFPR-PR) e Vânia Maria Alves (IFPR-PR), analisa a trajetória acadêmica de educadores e sua relação com assumir cargos públicos no ensino superior do Paraná, especialmente no Instituto Federal do Paraná - IFPR. Os resultados

apontam para uma trajetória no ensino público, e que o perfil generalista seja o mais almejado nos editais.

No décimo artigo, “O imaginário da palavraria”, Josicler Orbem Alberton, Valeska Fortes de Oliveira e Tania Michelini Miorando (UFMS-RS) tratam da tensão entre o saber sensível e técnico no ensinar na Arquitetura “e seus desdobramentos no fazer do docente arquiteto”, problematizando essa questão a partir da teoria do imaginário social de Castoriadis.

Em seguida, Samuel Vinente e Márcia Duarte (UFSCar-SP) vão tratar da universalização do atendimento escolar aos alunos da educação especial, a partir de uma análise documental sob categorias ligadas ao materialismo histórico-dialético. Os resultados apontam que há uma ampliação no atendimento aos alunos público-alvo da educação especial, mas ainda há carências nos cursos de formação de educadores.

O décimo segundo artigo, de Marcos Rodrigues da Silva (FURB-SC), trata de outras epistemologias, centralmente os aportes das comunidades afrodescendentes, como forma de superação do eurocentrismo da ciência moderna dos séculos XIX e XX. “Pensar, saber e integrar esses conhecimentos nas agendas contemporâneas se apresenta como um dos desafios e fios condutores deste trabalho”, assevera o autor.

Na sequência, o artigo de Vanda Aparecida da Silva (UFSCar-SP) apresenta “uma reflexão acerca da imagem, representações e discursos sobre a mulher brasileira difundidas nas mídias”, tanto em Portugal como no Brasil, ou seja, trata-se de uma abordagem de gênero dos estigmas e preconceitos sofridos pela mulher brasileira, servindo como um alerta aos educadores e educadoras.

No décimo quarto texto, na seção biografias, de autoria de Edenir Pacheco (UNICENTRO-PR) e Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira (PUC-PR), relata-se a vida e a contribuição para a educação da professora Gracita Gruber Marcondes, via história oral e história de vida, a partir de entrevistas e análise documental, que incluiu um livro publicado pela biografada.

Na seção de textos audiovisuais temos uma entrevista com o professor Moacir Gadotti, do Instituto Paulo Freire de São Paulo, realizada por Ivanio Dickmann (PUC-SP), na qual podemos conhecer a posição de Gadotti sobre a relação da Educação Popular e o Cooperativismo Habitacional Autogestionário, que segundo relato na entrevista: “Paulo gostaria muito de ver isso acontecer”.

Para encerrar deixamos para reflexão do educador popular Carlos Rodrigues Brandão, e um trecho da epígrafe de Maiakovski constante do discurso da presidenta Dilma Rousseff anunciado na abertura desse editorial;

“Saibamos ser desde este presente que recomeça hoje, dia 31 de agosto de 2016, a presença crítica e criativamente ativa; a aguerrida

ousadia; a luta de agora e a esperança de sempre. Saibamos, ao lado de nossa capacidade de denúncia e de oposição não apenas a um governo transitório, mas a todo o perverso sistema que o geou e alimenta, nos unir mais ainda do que ante. E estarmos juntas, juntos, e não apenas com nossas palavras e nossas bandeiras de resistência ativa e luta. Saibamos prender com as comunidades tradicionais a viver no presente e a projetar para o futuro o que já é uma realidade entre elas. [...] Saibamos responder a todo um perverso processo capitalista de privatização de tudo o que possa ser transformado de “dom entre as pessoas” em “bens de algumas pessoas” – como a educação, a saúde, a previdência, a habitação, a alimentação e tudo o mais – opondo a uma crescente colonização de vidas e subordinação da própria vida aos ganhos do capital, uma persistente luta em favor de uma socialização humana e humanizadora. Um socialismo com liberdade entre pessoas socialmente tornadas iguais, e em tudo o mais abertas ao direito de todas as diferenças que nos irmanam e libertam. Saibamos opor – sem fundamentalismo algum nisto – a uma crescente “geleia geral” da cultura, que vai do “ensino empacotado” nas escolas e os “programas mínimos” de educação, à transformação de culturas em “negócios culturais”, com um forte apelo a uma redescoberta e a uma revalorização – de dentro para fora e de baixo para cima – de todo o valor de saber e ciência do “senso comum” de nossos diferentes povos, tradições e patrimônios culturais.”<sup>17</sup>

<sup>17</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Postagem na rede social Facebook e divulgado por e-mail na lista de e-mail da Rede Sul de Educação Ambiental – REASul.

*Não estamos alegres,  
é certo,  
mas também por que razão  
haveríamos de ficar tristes?  
O mar da história  
é agitado.  
As ameaças  
e as guerras  
havemos de atravessá-las,  
rompê-las ao meio,  
cortando-as  
como uma quilha corta  
as ondas.*

Desejamos uma leitura crítica e propositiva dessa edição.

**Maurício Roberto da Silva**  
**Ivo Dickmann**  
**Maria de Lourdes Bernartt**

Editores